

frente&verso

documentos periódicos de construção

ISSN 2182-8237

**edifício institucional
Sede EDP
Aires Mateus**

48

CI'AMH
CENTRO DE INOVAÇÃO
ARQUITECTURA
E MODOS DE HABITAR





editorial Fábio M. Santos

A linha que nos envolve

O debate, no seio da Arquitetura, sobre a contextualização e inserção no lugar de um projeto ou obra é um tema que tem vindo a ser discutido, com especial relevo desde o Modernismo e das várias correntes de produção arquitetónica a ele associadas, cuja disparidade de soluções, materiais, formas e tipologias fizeram impor uma urgente reflexão.

Desde Bruno Zevi com a recusa da submissão da arquitetura moderna face ao existente, às vanguardistas propostas de Le Corbusier ou até as conceções de estratificação histórica e de mutabilidade urbana de Roberto Pane, muitos foram os contributos e pontos de vista de diversos autores. Embora se tenha passado mais de meio século desde a acesa discussão no meio académico acerca da abordagem e integração de novos dialetos arquitetónicos, este é ainda um tema pertinente e atual, que podemos encontrar também no edifício da Sede da EDP, da autoria dos arquitetos Aires Mateus.

Por um lado, verifica-se um posicionamento conservador ao nível da implantação, resultado do diálogo deste edifício com o Lugar, com a cidade de Lisboa, a sua topografia e assentamento. O projeto respeita as circunstâncias circundantes, as múltiplas camadas de história e de importantes intervenções, onde tanto a referência cadastral do próprio quarteirão, como a sua relação com a envolvente ou até a orientação da implantação face ao rio são questões que se pesam e influenciam a composição.

Num outro vetor, é-nos apresentada uma abordagem contemporânea mais disruptiva no que respeita à materialização, conceção programática e linguagem estética do edifício. A ideia de uma linha

que compõe o edifício, que se alastra e define todos os espaços é uma possibilidade técnica outrora inviável de concretizar e que, de algum modo, regista uma certa condição do presente. Esta lâmina, ora vertical, ora horizontal, ora pilar, ora viga, que tanto sombreia e protege do sol, como compõe a cobertura ou envolve o espaço de praça entre os dois volumes edificados, é um gesto que se perpetua no espaço e no tempo e que transfere para a própria Arquitetura um sentido de unidade e de conjunto.

Encontramos um binómio que envolve todo o projeto, desde essa condição geral que se liga ao lugar e à história, até uma condição específica, do edifício, da sua génese, que contém um carácter determinado e assumido, denotando a vontade de expor uma diferente abordagem e de explorar caminhos até então desconhecidos. Trata-se de uma quase ingénua curiosidade que sempre importa fomentar no arquiteto e fazer refletir em toda a Arquitetura. A respeito da curiosidade diz-nos Michel Foucault: *“De que valeria a obstinação do saber se ela assegurasse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de um certo modo, e tanto quanto for possível, o descaminho daquele que conhece? Momentos há na vida em que a questão de saber se é possível pensar de modo diferente daquele que se pensa e perceber de modo diferente daquele que se vê é indispensável para continuar a observar e a refletir.”*

É de arrojo e de liberdade que esta obra nos fala e da atitude de permanente procura, que a Arquitetura deve presar, buscando o desconhecido, a experimentação do novo, a surpresa do percurso ou até a discussão da diferença. E daqui tudo pode surgir: da certeza à dúvida, da estabilidade à insegurança, da monumentalidade ao anonimato, lembrando-nos que, por vezes, a unidade em Arquitetura é simultaneamente matéria de continuidade e superação.



da obra **Fábio M. Santos**

Uma casa aberta à cidade

O edifício Sede da EDP é um interessante exemplar da forte união entre arquitetura e engenharia, que dá forma a um dos objetos arquitetónicos mais recentes e mais marcantes da frente de rio da cidade de Lisboa. O projeto é fruto de um longo processo: “Uma casa para a luz” era, então, o nome do concurso de arquitetura e urbanismo que selecionou os irmãos Aires Mateus a assumirem o desafio da edificação da “casa” para a empresa de energia portuguesa.

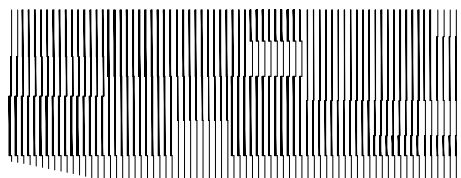
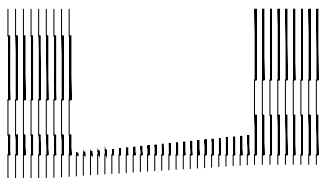
Exteriormente, o edifício assume-se como um conjunto de dois volumes perpendiculares ao rio, conectados ao nível térreo por uma grande pala que configura uma praça comum. Esta praça, pública e aberta à cidade, representa um espaço de interação e encontro, albergando as entradas do edifício e, simultaneamente, algumas áreas de comércio e restauração.

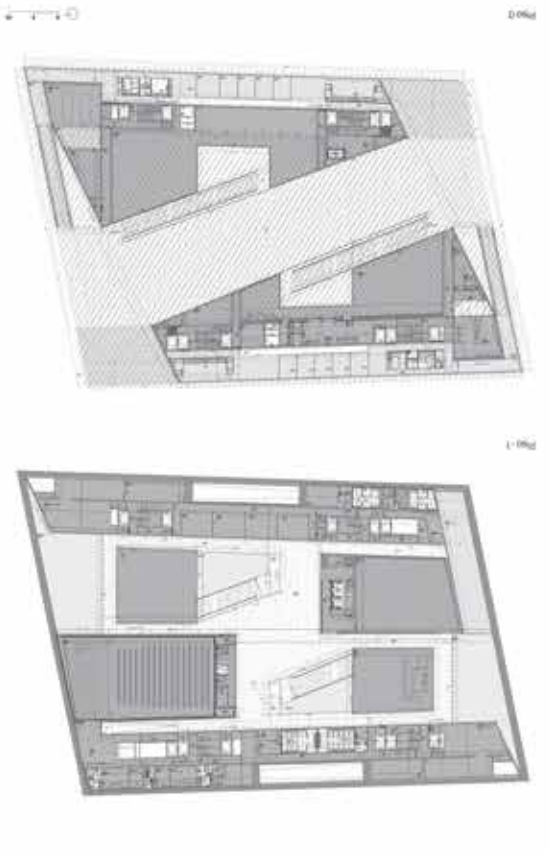
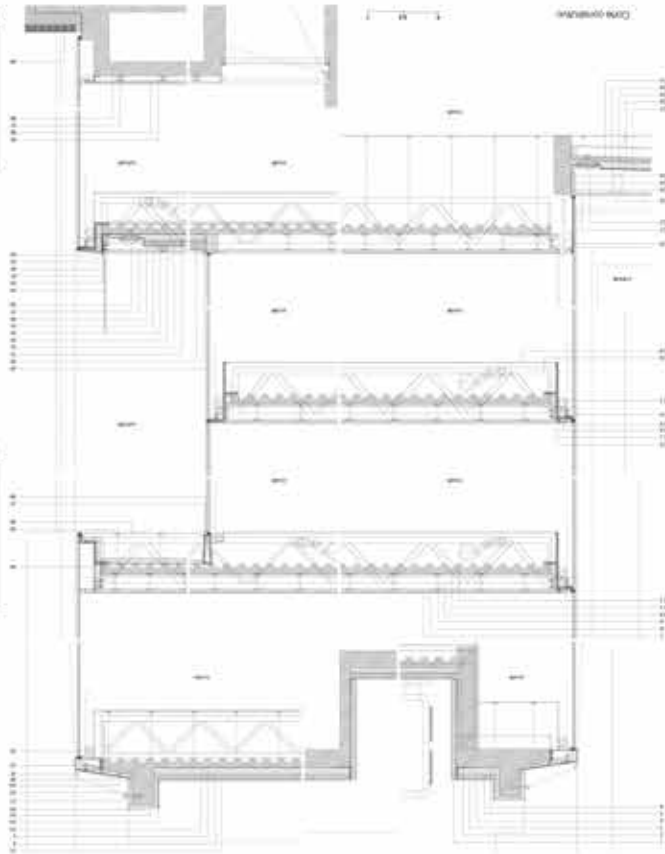
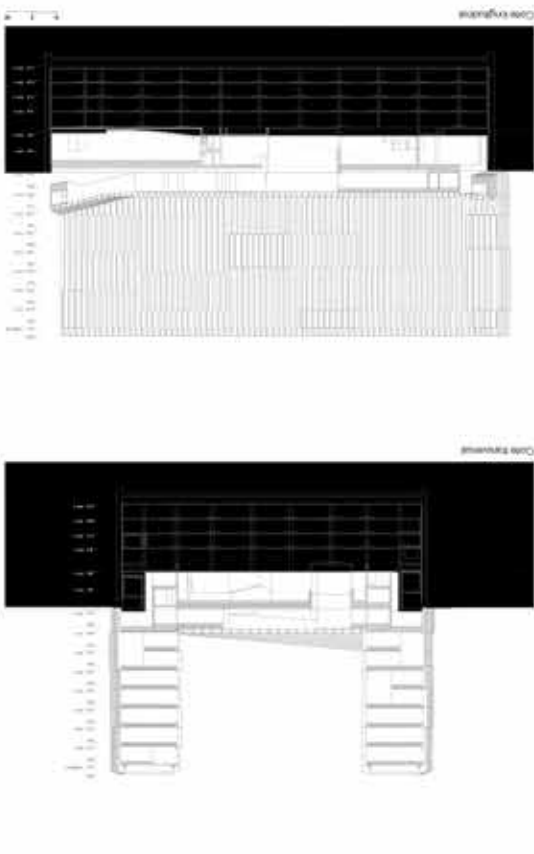
O programa determinava, maioritariamente, espaços de escritórios que necessitavam de flexibilidade e capacidade de variação. Este requisito influenciou necessariamente o sistema construtivo do edifício, uma vez que se pretendia evitar condicionar a utilização dos espaços interiores. Para a coerência do princípio de flexibilidade e adaptação, foi também necessário conceber uma fachada capaz de se

adequar a diferente compartimentação do espaço, conforme as imprevisíveis necessidades futuras. Daí a presença do vidro de uma forma homogênea, sempre enquadrado e pautado por lâminas/palas que apresentam múltiplas funções (estrutura, sombreamento, infraestrutura) e são compostas por perfis metálicos revestidos com placas de cimento branco reforçado com fibra de vidro.

A particularidade deste sistema estrutural misto, de aço e lajes colaborantes de betão, faz transparecer a identidade do próprio edifício, que se pretende como “contentor” de diversos usos e circunstâncias. Pavimentos e tetos são, simultaneamente, canais de distribuição horizontal de infraestruturas, libertando o espaço dos compartimentos para as atividades diárias sem condicionamentos.

Todo este processo arquitetónico culmina numa obra que se assume como diferenciada, transparente e, sobretudo, intencional. Assim, este edifício, embora possa ser um objeto quase homogêneo e de marcada presença, demonstra uma enorme complexidade no controlo da escala, da obra, do projeto, do pormenor e, sobretudo, no confronto entre as diferentes realidades em que se insere. Na verdade poder-se-á dizer que “uma casa para a luz” se tornou, hoje, numa casa aberta para todos e isso deve, em última instância, ser o objetivo da arquitetura: a capacidade de nos tocar e proporcionar espaços de infinita relação.





do obra Edição 48 Uma casa aberta à cidade

O edifício Sede da EDP é um interessante exemplo da forte união entre arquitetura e engenharia, que dá forma a um dos objetos arquitetónicos mais recentes e mais marcantes da frente de rio da cidade de Lisboa. O projeto é fruto de um longo processo: "Uma casa para a luz" era, então, o nome do concurso de arquitetura e urbanismo que selecionou os irmãos Aires Mateus e assumiram o desafio da edificação da "casa" para a empresa de energia portuguesa.

Extremamente, o edifício assume-se como um conjunto de dois volumes perpendicularmente ao rio, conectados ao nível térreo por uma grande praça que configura uma praça comum. Esta praça pública e aberta à cidade, representa um espaço de interação e encontro, abrigando as entradas do edifício, simultaneamente, algumas áreas de comércio e restauração.

O programa determinava, maioritariamente, espaços de escritórios que necessitavam de flexibilidade e capacidade de variação. Esta requisição influenciou necessariamente o sistema construtivo do edifício, uma vez que se pretendia evitar condicionar a utilização dos espaços interiores. Para a coexistência do princípio de flexibilidade e adaptação, foi também necessário conceber uma fachada capaz de se

adequar a diferente compartimentação do espaço, conforme as imprevisíveis necessidades futuras. Daí a presença do vidro de uma forma homogênea, sempre enquadrado e pastado por linhas/peças que apresentam múltiplas funções estruturais, sombreamento, infraestrutura e são compostas por perfis metálicos revestidos com placas de cimento traçado reforçado com fibra de vidro.

A particularidade deste sistema estrutural misto, de aço e ligas colaborantes de betão, faz transparecer a identidade do próprio edifício, que se pretende como "contêntor" de diversas usos e circunstâncias. Pavimentos e tetos são, simultaneamente, canais de distribuição horizontal de infraestruturas, libertando o espaço dos compartimentos para as atividades dadas sem condicionamentos.

Tudo este processo arquitetónico culmina numa obra que se assume como diferenciada, transparente e, sobretudo, racional. Assim, este edifício, embora possa ser um objeto quase homogêneo e de marcada presença, demonstra uma enorme complexidade no controlo da escala, da obra, do projeto, do pequeno e, sobretudo, no confronto entre as diferentes realidades em que se insere. Na verdade poder-se-á dizer que "uma casa para a luz" se tornou, hoje, numa casa aberta para todos e isto deve, em última instância, ser o objetivo da arquitetura: a capacidade de nos tocar e proporcionar espaços de intensa relação.



NEW WAYS OF DESIGN,
BUILD AND LIVING
RESEARCH GROUP

CIAMH Research on Innovation

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt

frente&verso

edifício institucional
Sede EDP
Aires Mateus

CIAMH
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
ARQUITETÓNICA E URBANÍSTICA



editorial Edição 48 A linha que nos envolve

O debate, no seio da Arquitetura, sobre a contextualização e inserção no lugar de um projeto ou obra é um tema que tem vindo a ser discutido, com especial relevo desde o Modernismo e das várias correntes de produção arquitetónica e vice-versa, com a disponibilidade de soluções, materiais, formas e tipologias fossem por uma urgente reflexão.

Desde Bruno Zevi com a recusa da submissão da arquitetura moderna face ao existente, às várias distantes propostas de Le Corbusier ou até às concepções de estratificação histórica e de mutabilidade urbana de Roberto Piano, muitos foram os contributos e pontos de vista de diversos autores. Embora se tenha passado mais de meio século desde a acima discutida, no meio académico acerca da abordagem e integração de novos diálogos arquitetónicos, este é ainda um tema pertinente e atual, que podemos encontrar também no edifício da Sede da EDP, de autoria dos arquitetos Aires Mateus.

Por um lado, verifica-se um posicionamento conservador ao nível da implantação, resultado do diálogo deste edifício com o Lugar, com a cidade de Lisboa, a sua topografia e assentamento. O projeto respeita as circunstâncias circundantes, as múltiplas camadas de história e de importantes intervenções, onde tanto a referência cadastral do próprio quarteirão, como a sua relação com o envolvente ou até a orientação da implantação fazem ao não são questões que se pesam e influenciam a composição.

Num outro vetor, é nos apresentada uma abordagem contemporânea mais disruptiva no que respeita à materialização, conceção programática e linguagem estética do edifício. A ideia de uma linha

que compõe o edifício, que se estende e define todos os espaços é uma possibilidade herética outrora inviável de concretizar e que, de algum modo, regista uma certa condição do presente. Esta linha, ora vertical, ora horizontal, ora plana, ora viga, que tanto sombrea e protege do sol, como compõe a cobertura ou envolve o espaço de praça entre os dois volumes edificáveis, é um gesto que se perpetua no espaço e no tempo e que transita para a própria Arquitetura um sentido de unidade e de conjunto.

Encontramos um binómio que envolve todo o projeto, desde esta condição geral que se liga ao lugar e à história, até uma condição específica, do edifício, da sua génese, que contém um caráter determinante e assumido, denotando a vontade de expor uma diferente abordagem e de explorar caminhos até então desconhecidos. Trata-se de uma quase ingenua curiosidade que sempre importa fomentar no arquiteto e fazer refletir em toda a Arquitetura. A respeito da curiosidade diz-nos Michel Foucault: "De que vale a obtenção do saber se ele estivesse apenas a aquisição de conhecimentos e não, de um certo modo, e tanto quanto for possível, o deslaminar daquilo que conhecemos? Momentos há na vida em que é questão de saber se é possível pensar de modo diferente daquilo que se pensa e perceber de modo diferente daquilo que se vê e indispensável para continuar a observar e a refletir".

É de amor e de liberdade que esta obra nos fala e da atitude de permanente procura, que a Arquitetura deve pressupor, buscando a desconhecida, a experimentação do novo, a surpresa do percurso ou até a descoberta da diferença. E, daqui tudo pode surgir: da certeza à dúvida, da estabilidade à insegurança, da monofuncionalidade ao anónimo, tornando-nos, por vezes, a unidade em Arquitetura é simultaneamente matéria de continuidade e superação.



P7: Pormenorização do encaixe dos elementos metálicos



Sistema Estrutural



01- revestimento em placas modulares de GRC

02-COBERTURA

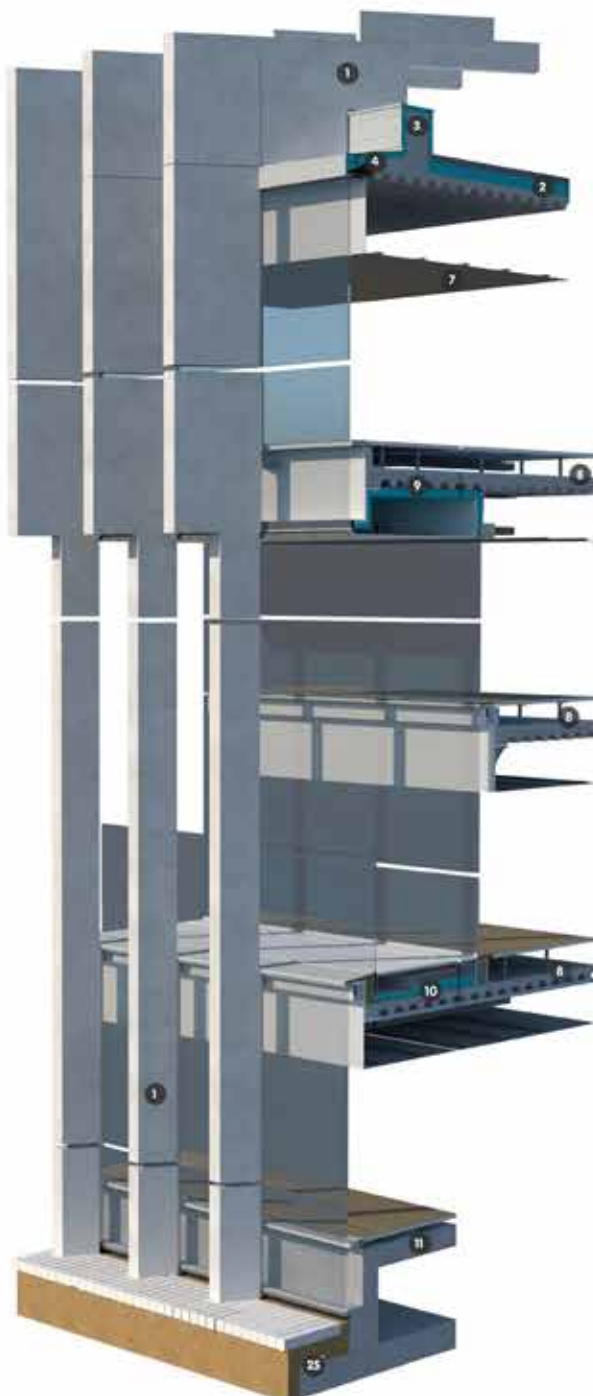
membrana impermeabilizante "SASF- CONIROOF", 2mm, com pintura à cor branca
betonilha armada para formação de pendentes, isolamento térmico, 100mm
barreira de vapor em filme de polietileno
laje colaborante em betão armado

03-PLATIBANDA

rufo de capotamento do murete em chapa de zinco tétrico
reboco armado com fibra de vidro
revestimento do murete com poliestireno extrudido
barreira de vapor em filme de polietileno

04- COBERTURA DE LIMITE

rufo vertical em chapa de zinco tétrico
placa de contraplacado morteiro 12mm, aparafusada aos perfis de suporte
revestimento com poliestireno extrudido



05-Caixilha "Elegance 52 st"

06-Revestimento em chapa metálica
07- lodo fibra em malha distendida de alumínio

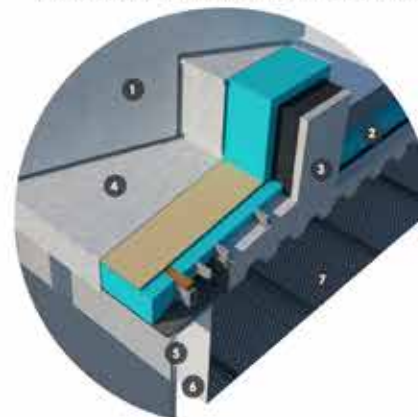
08-laje interior/interior

revestimento em alcatifazulopavante
pavimento elevado, em placas de suíto decólio
pedestal em aço, regulável em altura
isolamento acústico em "Agloxex Acoustic IR"
laje colaborante em betão armado

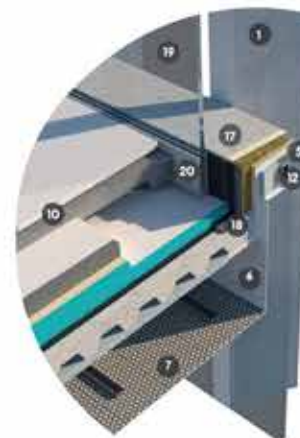
09- LAJE DE COBERTURA DA VARANDA

revestimento em alcatifazulopavante
pavimento elevado, em placas de suíto decólio
pedestal em aço, regulável em altura
isolamento acústico em "Agloxex Acoustic IR"
laje colaborante em betão armado
chapa metálica
poliestireno extrudido
tecto em placas modulares de GRC

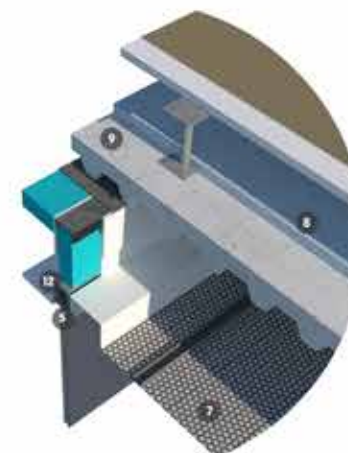
P1: Pormenorização da cobertura no limite do edifício



P3: Pormenorização da laje de piso da varanda no limite do edifício



P5: Pormenorização de transição Interior/Exterior da cobertura



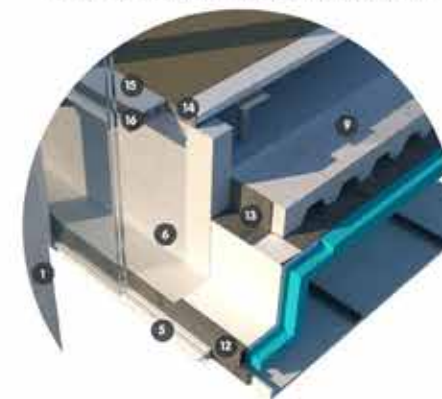
10-LAJE DE PISO DA VARANDA

pavimento em placas de pedra mármore branco,
pedestal regulável em polipropileno
sistema de impermeabilização em membrana, "SASF- Coniroof", 2mm
betonilha armada para formação de pendentes
lito gacholite
barreira de vapor
laje colaborante em betão armado
isolamento acústico em "Agloxex Acoustic IR",

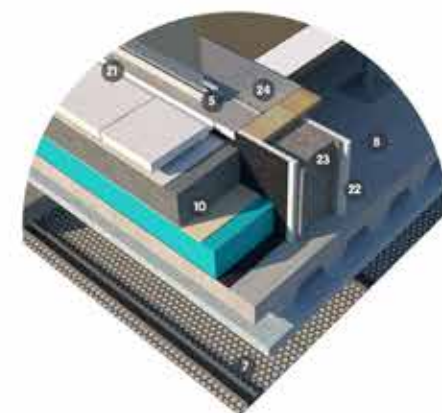
11-LAJE PISO TÉRREO

revestimento em alcatifazulopavante
pavimento elevado, em placas de suíto de cãico
pedestal em aço, regulável em altura
laje em betão armado branco
12- Perfil metálico tubular de aço
13- barras de aço contínuas soldadas em L
14- cantoneira para remente do pavimento
15- chapa de alumínio, com nervuras estruturais inferiores a sistema de encaixe

P2: Pormenorização da laje de cobertura da varanda



P4: Pormenorização de transição Interior/Exterior de pisos



P6- Pormenorização do caixilho



16- armadura de iluminação

17-LIMITE DA VARANDA

rufo em chapa de zinco tétrico quinado
capotamento em contraplacado morteiro
isolamento térmico/acústico em lã mineral
placa de silicatos de cálcio
isolamento acústico em "Agloxex Acoustic IR"

18- barra chato de aço galvanizado

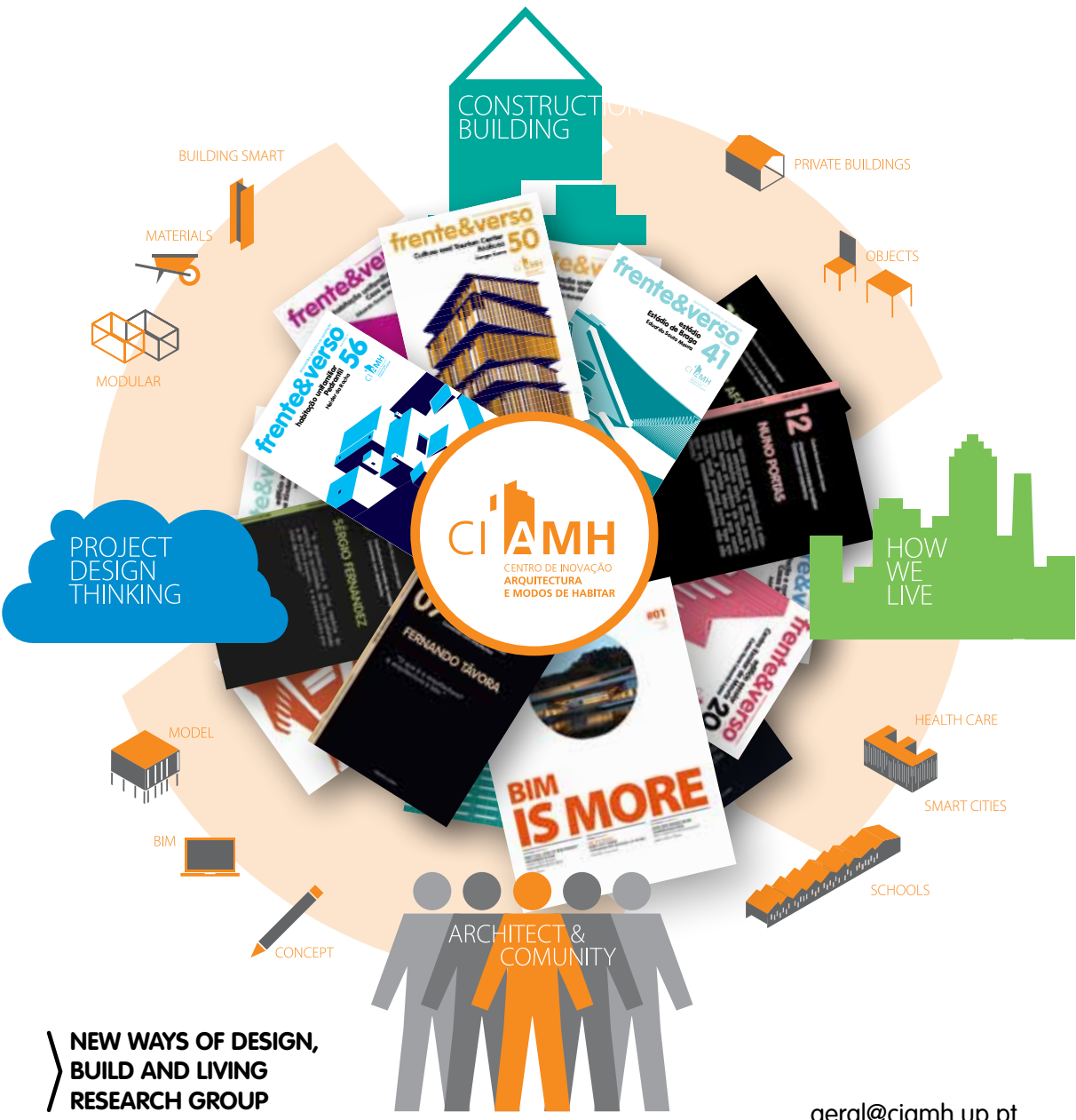
19- vidro laminado temperado
20- barras de fixação da guarda em vidro

21- régua de LEDs, encaixada em perfis de encaixe

22- reboco armado com fibra de vidro
23- bloco de betão
24- solera em chapa de zinco tétrico

25- REVESTIMENTO EXTERIOR

microtubo
camada de assentamento
lã impermeabilizante
laje de betão armado



NEW WAYS OF DESIGN,
BUILD AND LIVING
RESEARCH GROUP

geral@ciamh.up.pt
www.ciamh.up.pt

CIAMH Research on Innovation